



REVISTA DE ESTUDOS SOBRE A  
ANTIGUIDADE  
φαινε

PHAINE

Número 2, volume 1, julho - dezembro de 2016  
ISSN 2525-6793

Entrevista

## Loraine Oliveira

É professora de Filosofia Antiga da Universidade de Brasília. Dedicou-se ao estudo do Neoplatonismo Antigo. Publicou o livro “Plotino, escultor de mitos” pela editora Annablume e Imprensa da Universidade de Coimbra, em 2013/2014 e vem contribuindo para o crescimento da pesquisa no Brasil com a publicação de diversos artigos em revistas nacionais e estrangeiras.

**1) Uma das preocupações da Revista *Phaine* é a de compreender a Antiguidade como um período que requer uma visão transdisciplinar. Desde o primeiro volume, a Revista pretendeu mostrar a diversidade metodológica e conteudística dos saberes que a pesquisa sobre estudos clássicos envolve. Gostaríamos que você descrevesse a sua experiência com a filosofia e comentasse se você acredita na transdisciplinaridade como uma possibilidade para entender os antigos.**

Em primeiro lugar gostaria de parabenizar a iniciativa de vocês, discentes, em montar e manter uma revista de estudos clássicos no Brasil. É consabido que no nosso país os estudos clássicos constituem uma área pouco explorada e pouco conhecida. Temos a SBEC (Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos), que reúne pesquisadores, promove eventos bianuais e publica a revista *Clássica*, agora on-line. Acompanhando a programação dos eventos, rastreando os trabalhos dos sócios, cujos nomes figuram no site da Sociedade, e percorrendo os números da revista, se tem uma ideia geral do que acontece no Brasil e de como trabalham os pesquisadores que se incluem na área.

Você indaga sobre transdisciplinaridade. A experiência não só me faz acreditar, como você diz, na

transdisciplinaridade para estudar os antigos, mas me mostra claramente que ela é indispensável.

Estudos clássicos é uma espécie de área guarda-chuva, na qual habitam todos os saberes da antiguidade por um lado, e todos os campos do saber que hoje se dedicam à antiguidade, por outro. Papirologia, arqueologia, paleografia, filosofia, história, por exemplo, são consideradas áreas dos estudos clássicos. Assim, estudos clássicos, dada sua natureza, são transdisciplinares. Envolvem áreas de pesquisa que possuem seus métodos e ferramentas próprias, mas que, uma vez voltadas para a antiguidade se beneficiam dos métodos e ferramentas de outras áreas. Merece destaque a filologia, que é tanto uma ferramenta muito sofisticada dos estudos clássicos em geral, mas também é uma área que bebe nas demais. Para ser mais clara, vou tomar como exemplo a filosofia antiga, expressão que uso como sinônimo de história da filosofia antiga.

A filosofia antiga se constrói a partir de modos de pensamento complexos, que incluem o mito, por exemplo. Ou, dito de outro modo, uma visão estética do mundo. Os textos tratam da vida e de tudo o que dá sentido à existência. E existir não é algo acabado. Há muitas coisas misteriosas no universo, sobre as quais não se consegue discorrer de modo estritamente lógico. Por exemplo, o amor é misterioso. O tempo é

misterioso. A morte é misteriosa. O que move o mundo e dá vida é misterioso. Como falar disso? Os textos filosóficos não prescindem da lógica, ou ao menos, de uma forma de pensamento que podemos chamar “lógico”, mesmo antes de Aristóteles ter escrito os tratados reunidos no *Órganon*. De fato, a própria antiguidade vê a lógica surgir: nos *Segundos Analíticos*, por exemplo, Aristóteles discorre sobre demonstração, silogismo, proposições, entre outros termos que, sabemos, constituem elementos da lógica. Mas há algo de que a lógica carece. E de fato, há algo de que toda linguagem, mesmo imagética, ou apofática, carece. Os antigos estavam muito conscientes disso. Os filósofos usavam, e alguns até abusavam, de fórmulas retóricas conhecidas, de todo o repertório poético, desde Homero e Hesíodo, passando posteriormente pela tragédia, a comédia, a lírica. Mencionavam obras de arte, que acabaram se tornando exemplares, muito por causa das descrições e referências textuais. Conheciam estruturas musicais e se serviam disso. A medicina, a física, a biologia, a astronomia, tudo concorria para a construção do pensamento filosófico.

Estudar filosofia antiga a sério é, pois, enveredar pelos estudos clássicos, no sentido transdisciplinar do termo. É preciso conhecer história, pintura, arquitetura, escultura cerâmica, teatro, poesia... É preciso transitar pelas referências entretecidas nos textos. Quando Aristóteles, mais uma vez, na ética, cita um personagem da tragédia, é preciso ler aquela tragédia, ou a compreensão da ética aristotélica fica

comprometida. Do mesmo modo, quando Damáscio menciona um pano sujo de sangue menstrual, em uma narrativa sobre a vida de Hipácia, precisamos nos cercar da história das regras. É necessário tentar entender o significado do ato de exhibir publicamente aquele sangue no contexto em questão, Alexandria, na virada do século IV para o V EC. E também devemos buscar em Damáscio, e se nada encontramos lá, na filosofia neoplatônica, referências a sangue, a corpo, ao corpo feminino. E porque a anedota se situa no âmbito da recusa do amor de um discípulo, é preciso entender como os neoplatônicos veem a relação discipular, e como eles entendem o amor. Então nos aproximaremos o máximo possível do significado daquele gesto. Percebe? Primeiro: não podemos ignorar nada, exemplos, anedotas, referências a outros saberes. Segundo, para entender uma frase, no âmbito dos estudos clássicos em geral, e da filosofia antiga em particular, é necessário percorrer um conjunto enorme de documentos. Finalmente, para os estudos clássicos, conhecer as línguas antigas é imprescindível. Não se consegue penetrar um pensamento só a partir de traduções, e menos ainda, da leitura de uma única tradução.

Então aqui entramos em um novo problema, que diz respeito, ainda, às ferramentas e métodos. Sem o grego e o latim, não dá para fazer estudos clássicos. Pierre Hadot fala sobre isso no seu *Elogio da Filosofia Antiga*. A propósito, quero recomendar fortemente a leitura, porque nos

dá uma visão apaixonante não só dos métodos e ferramentas que usamos para o estudo da filosofia antiga, mas principalmente, de que a filosofia antiga era um modo de vida, e não uma elaboração teórica técnica, como é a filosofia acadêmica hoje. Bem, feita essa digressão, não vou insistir na necessidade dos idiomas antigos, porque me parece bastante óbvia, mas alerta para a dificuldade que isso produz para os estudos clássicos no Brasil, uma vez que na maioria das universidades não encontramos oferta de disciplinas de grego e latim. Nestes casos, quando alguém se interessa por um autor antigo, ou mesmo por um evento da antiguidade (por exemplo, uma guerra, um rito), ou por uma linguagem (a cerâmica, a lírica, a arquitetura), pode, por exemplo, buscar um curso on-line, mas precisa de muita disciplina para estudar o grego ou o latim sozinho. Há alguns docentes que ministram aulas por skype, o que amplia as possibilidades de estudo, embora os torne um pouco mais onerosos.

Ainda no caso específico do Brasil, há outro agravante que torna a área de estudos clássicos relativamente inacessível: a maioria dos documentos, seja de filosofia, literatura, história, textos epigráficos, descrições iconográficas, entre outros, não foram ainda traduzidas para o português. Os comentários, os estudos especializados, estes também são pouquíssimo numerosos em nossa língua pátria. Ou seja, se alguém não tem acesso, no mínimo, ao inglês e ao francês, não consegue sequer começar a tatear pela área. Em suma, quanto a este tópico, é

preciso ler em idiomas antigos e vernáculos diferentes para fazer estudos clássicos.

## **2) Você pode comentar sobre os desafios de se estudar filosofia antiga hoje?**

Nos cursos de filosofia, a filosofia antiga é uma disciplina do primeiro ano, momento em que os estudantes raramente dispõem das ferramentas necessárias para compreender os textos. Além disso, na maior parte dos departamentos, se resume a um semestre de 60 h/a, o que é muito pouco para abordar um período tão vasto, complexo e rico em pensamentos e atitudes diferentes. As aulas comumente seguem um dos seguintes padrões: 1. Escolhe-se um texto, ou partes de alguns textos, e se os lê analisando cada termo ou cada passagem. Neste caso, se tem um aprendizado voltado para metodologias de estudo de textos antigos. 2. Selecionam-se noções amplas, vagas e parciais do que se supõem serem os tópicos principais dos “sistemas” daqueles filósofos, muitas vezes apresentadas com a leitura de trechos isolados das obras onde elas emergem. Mas a noção de sistema que pauta os manuais e aulas deste tipo é moderna, logo, seu uso não é correto quando aplicado a textos antigos. Este método já foi muito usado, mas hoje parece que vige o primeiro, ou talvez o próximo. 3. Alguns tentam mesclar os dois métodos, apresentando rapidamente os principais filósofos e suas teses, e depois se detendo em um ou dois textos. Sendo qual for a abordagem adotada, é parcial.

Assim, a maioria dos estudantes passa rapidamente pela antiguidade, e conclui o curso carregando uma vaga lembrança de nomes como Platão, Aristóteles, alguns pré-socráticos, normalmente os mais conhecidos e queridos de autores contemporâneos ou modernos. Quando muito, o estudante ouviu falar por alto das escolas helenísticas e do neoplatonismo. E mesmo de Platão e de Aristóteles, no final da formação, se conhece muito pouco.

Na resposta anterior, ao comentar minha experiência com a filosofia antiga, menciono alguns dos desafios da área no Brasil. Todavia, me permito acrescentar outros dois fatores que podem ser vistos como dificuldades. Primeiro, a falta de material bibliográfico. Salvo raras bibliotecas, no Brasil inteiro, a esmagadora maioria não dispõe de parte significativa dos textos antigos em seus acervos, e quando dispõe de alguns textos, no mais das vezes o que se encontra são traduções de péssima qualidade e ultrapassadas. Hoje embora se encontre vastíssima bibliografia disponível na internet, noto que muito material não está na rede; resta, pois, viajar para ter acesso a ele. Onde posso mencionar a segunda dificuldade. A escassez de recursos públicos destinados à pesquisa especializada nas áreas de humanas, letras e artes. Tivemos uma maré boa para a pesquisa nos últimos anos, sem precedentes, aliás. Mas as marés mudam.

### **3) Quais os desafios de ser uma pesquisadora brasileira com o objeto de análise localizado na antiguidade tardia?**

Bem, não quero me repetir, já falei muito dos desafios e dificuldades. Mas posso acrescentar que a antiguidade tardia é um período particularmente esquecido no Brasil. Sobre o neoplatonismo, que é a corrente predominante nesta época, fizemos uma revisão bibliográfica dos estudos lusófonos até o ano de 2009, abarcando Brasil e Portugal. Ela se encontra na revista *Archai*, nº 5, em três partes<sup>1</sup>. Na primeira há uma lista importantíssima dos autores neoplatônicos antigos que mostra nitidamente quantos foram e o que nos chegou dos seus escritos. A revisão mostrou que a maioria esmagadora dos filósofos não foi ainda estudada nestes países. Foram elencados 146 textos, entre traduções, artigos, livros, dissertações e teses. O mais estudado então era Plotino, e ainda assim, as pesquisas se concentravam em poucos temas do pensamento dele. Atualmente dá para contar nos dedos os especialistas que, ocupando a posição de professor pesquisador, se dedicam a ele no Brasil. A presença de poucos pesquisadores

<sup>1</sup> [Primeiro repertório bibliográfico dos estudos em língua portuguesa dedicados ao Neoplatonismo da Antiguidade Tardia. Parte I: Histórico da Pesquisa](#)  
[Primeiro repertório bibliográfico dos estudos em língua portuguesa dedicados ao Neoplatonismo da Antiguidade Tardia. Parte II: Elenco de autores e títulos](#)  
[Anexo à parte I do primeiro repertório bibliográfico dos estudos em língua portuguesa dedicados a Plotino e ao Neoplatonismo da Antiguidade Tardia.](#)

resulta em pouca produção bibliográfica, em poucos orientandos, em poucas aulas ministradas sobre Plotino e o neoplatonismo, e em uma localização geográfica bem específica desses estudos. Neste momento, estamos atualizando a recensão, e é notório o aumento de publicações na área. Infelizmente não tenho ainda como dizer a quantidade total, mas me parece que dobrou em relação à primeira. Plotino segue sendo o autor mais pesquisado. Boécio comparece em segundo lugar. No estado atual da pesquisa, Jâmblico figura em terceiro lugar, dentre os filósofos. Damáscio, que mencionei acima, não mereceu nenhum artigo específico sequer. Na área de história, o destaque são os estudos sobre o Imperador Juliano.

**4) Vimos que nos últimos anos houve um aumento de estudos acerca das questões de gênero na antiguidade. Você, por exemplo, vem pesquisando sobre Hipácia de Alexandria e teve algumas publicações sobre a filósofa. Você acredita que esse interesse sobre as mulheres na antiguidade é uma tendência entre as pesquisadoras de nosso tempo?**

Na verdade, publiquei só um artigo sobre Hipácia, em 2016, cujo link é: <http://www.revista.ufpe.br/revistaperspectivafilosofica/index.php/revistaperspectivafilosofica/article/view/115/87>

O outro texto que escrevi, chamado *Ágora*, foi sobre o filme homônimo, que versa sobre a vida da filósofa, e cujo título aqui foi

traduzido por *Alexandria*. O filme data de 2009, e por isso o texto é daquela época. No entanto, meu encontro com Hipácia remonta ao ano de 2006, quando fui para a Fundação Hardt, e lá encontrei livros e alguns artigos sobre ela. Lá também tive acesso às fontes antigas. A título de curiosidade, noto que no século XX, mais ou menos da década de 60 até o começo da década de 90 pulularam artigos sobre Hipácia e foram publicados dois livros de referência sobre ela: o de Gemma Beretta, *Ipazia d’Alessandria*, de 1983, e o de Maria Dzielska, *Hipátia de Alexandria*, cujo original, salvo engano, data de 1993. Em 2009, o ano de lançamento do filme, sua tradução lusófona foi publicada em Portugal. No século XXI, houve um interesse renovado por Hipácia, todavia os artigos mais recentes não acrescentam quase nada aos livros de Beretta e Dzielska. Não creio, entretanto, que o filme seja o único responsável pelo ressurgimento dos estudos hipacianos. Talvez o próprio filme esteja inserido em um movimento mais amplo, o interesse por biografias de mulheres ilustres. Não sei bem se é lícito falar em uma tendência, para usar a palavra da pergunta. Mas o fato é que no cinema, além do filme de Aménabar, recentemente surgiram outras películas biográficas sobre mulheres. Em 2012, por exemplo, estreou nos cinemas *Hanna Arendt*, sobre uma conhecida filósofa, cuja obra recebe bastante atenção na academia. E em 2015, uma produção nacional, *Nise: o coração da loucura*, sobre uma psiquiatra brasileira que marcou uma virada nas práticas da clínica psiquiátrica nacional.

Retomando sua pergunta, sobre os estudos de gênero na antiguidade, no Brasil já eram publicadas pesquisas deste tipo nas últimas décadas do século XX. Poucas, é verdade. No que tange ao interesse sobre as mulheres, há artigos sobre as guardiãs na *República*, embora nem sempre este tema seja estudado sob perspectivas de gênero. Por outro lado, recorro de livros organizados sobre as mulheres e a filosofia, e de eventos, ainda que não exclusivamente sobre as mulheres na antiguidade. Ou seja, estudos sobre mulheres já vinham sendo levados a cabo no Brasil, mesmo que acanhadamente. Em contraste, nos grandes centros europeus, como a França, por exemplo, isso já é algo consolidado. Também há pesquisas muito sérias produzidas nos Estados Unidos. E embora numerosas sejam as mulheres que se dedicam a tais estudos, eles não vêm somente de mãos femininas. Observe que vários homens também têm se dedicado à história das mulheres e à filosofia feita por mulheres. Isso não deve ser diagnosticado negativamente. Afinal, é bom que sejamos todos feministas, como deseja Chimamanda Adichie (ver *Somos todos feministas*).

Concordo que no Brasil, neste final de decênio, há um interesse crescente acerca das mulheres na antiguidade, e pesquisadoras têm protagonizado tal interesse. É uma grande conquista as mulheres se fortalecerem na academia, fazendo outra história da mulher. Espero que não seja apenas um modismo passageiro. Mas sim que isso constitua um *corpus* significativo de pesquisas. E especialmente,

no que tange à nossa área, que promova uma abertura, uma mudança no olhar.

Entrevista realizada em Dezembro de 2016.